

John le Carré
∞
O ILUSTRE COLEGIAL

Romance

Tradução de
J. Teixeira de Aguiar



∞
PREFÁCIO
John le Carré
Cornualha, 1977

Quero manifestar o meu caloroso agradecimento às muitas pessoas generosas e hospitaleiras que arranjaram tempo para me ajudar na investigação que levei a cabo para este romance.

Em Singapura, Alwyne (Bob) Taylor, correspondente do *Daily Mail*; Max Vanzi, da U.P.I.; Peter Simms, à data da *Time*; e Bruce Wilson, do *Melbourne Herald*.

Em Hong Kong, Sydney Liu, da *Newsweek*; Bing Wong, da *Time*; H. D. S. Greenway, do *Washington Post*; Anthony Lawrence, da BBC; Richard Hughes, à data do *Sunday Times*; Donald A. Davis e Vic Vanzi, da U.P.I.; e Derek Davies e o seu pessoal da *Far Eastern Economic Review*, particularmente Leo Goodstadt. Tenho igualmente de manifestar o meu reconhecimento pela excecional cooperação do major-general Penfold e da sua equipa do Royal Hong Kong Jockey Club, que me proporcionaram uma visita guiada à pista de corridas Happy Valley e mostraram grande gentileza para comigo sem uma única vez pretenderem saber qual era o meu objetivo. Gostaria também de poder referir os diversos funcionários do governo de Hong Kong e elementos da Polícia Real de Hong Kong que me abriram as portas com algum risco de incómodos pessoais.

Em Phnom Penh, o meu jovial anfitrião barão Walther von Marschall cuidou maravilhosamente de mim; também nunca poderia ter-me desenhencilhado sem os conhecimentos de Kurt Furrer

e de Madame Yvette Pierpaoli, ambos da Suisindo Shipping & Trading Co., atualmente em Banguecoque.

Os meus especiais agradecimentos devem, porém, reservar-se para aqueles que durante mais tempo me suportaram: o meu amigo David Greenway, do *Washington Post*, que me permitiu seguir na sua distinta sombra através do Laos, do Nordeste da Tailândia e de Phnom Penh, e Peter Simms, que, antes de fixar residência em Hong Kong, me orientou em território desconhecido e me ajudou em muitas diligências. Para com eles, para com Bing Wong e para com certos amigos chineses de Hong Kong que, estou em crer, preferirão manter o anonimato, tenho uma grande dívida de gratidão.

Por fim há o grande Dick Hughes, cujo caráter e maneirismos exteriores exagerei despudoradamente para compor a figura do velho Craw. Há certas pessoas que, uma vez conhecidas, se insinuem pura e simplesmente no romance e ficam ali quietas até que o escritor lhes encontre lugar. Dick é uma delas. Lamento não obedecer à sua premente exortação de o difamar por completo. Nem os meus mais cruéis esforços levaram a melhor sobre a afetuosa natureza do original.

Finalmente, como nenhuma destas boas criaturas imaginaria mais do que eu, naquele tempo, o que o livro viria a ser, tenho de apressar-me a absolvê-los pelos meus delitos.

Terry Mayers, veterano da equipa britânica de karaté, preveniu-me acerca de determinadas habilidades alarmantes. No que toca a Miss Nellie Adams, com as suas prodigiosas empreitadas de datilografia, não há elogios que cheguem.

∞
INTRODUÇÃO
John le Carré
Julho de 1989

Um arguto escritor inglês observou em tempos que escrevia a fim de ter alguma coisa para ler na velhice. Aos cinquenta e sete anos de idade ainda não posso considerar-me velho, mas não há dúvida de que nos treze anos que decorreram desde que iniciei a escrita deste livro, a história envelheceu perceptivelmente. Há treze anos a União Soviética estava ainda aprisionada no gelo de uma oligarquia indolente e corrupta e os puritanos líderes da nova China tinham voltado desdenhosamente costas ao seu velho aliado e mentor. Hoje é a União Soviética que se encontra nas convulsões da redefinição da grande Revolução Proletária, se é que realmente ela existiu, enquanto o sangue dos heroicos jovens chineses de ambos os sexos que pediram por via pacífica uma redefinição idêntica persiste espessamente na Praça Tiananmen, por mais que os canhões de água do exército tentem lavá-lo.

Por conseguinte, caso leia este livro, fica o leitor avisado. Está a ler um romance histórico, escrito à pressa, num clima de tal modo alterado que eu, por mim, não saberia como recapturar nenhuma porção dele se tentasse hoje em dia relatar-lhe a mesma narrativa de memória.

Existe outra razão pela qual poderia ser tentado a voltar a este livro na velhice, que é o frágil reconhecimento do homem que eu à data era. *O Ilustre Colegial* foi o primeiro livro que escrevi no cenário

dos acontecimentos, e o primeiro, mas não o último, para o qual enverguei o não uniforme de correspondente a fim de recolher as minhas experiências e informações. Ele celebra a primeira vez que assisti a trocas de tiros no calor da batalha, socorri um soldado ferido ou senti o cheiro de sangue antigo nos campos. Fala, por conseguinte, de um certo crescimento, mas também de uma certa infantilização, porque a guerra não é mais que um regresso à infância.

Assim, quando Jerry Westerby, o meu herói, apanha o seu táxi para a frente da batalha, a uns quilómetros de Phnom Penh, e involuntariamente se vê atrás das linhas dos Khmer Vermelhos, eu encontrava-me mais ou menos onde ele se encontrava, no mesmo táxi, com o coração na boca, a tamborilar com os dedos no mesmo painel de instrumentos e a dirigir as mesmas preces ao Criador. Quando Jerry vai a um fumadouro de ópio ou se entrega à perícia aeronáutica de um chinês inebriado de ópio num avião que não passaria num leilão de sucata, é beneficiário das minhas próprias tímidas aventuras. O que quer dizer apenas que, no espaço de poucos meses, eu compartilhei os perigos que qualquer bom repórter corre nas suas diligências numa única tarde.

Recordo apenas uma ocasião em que me acobardei, mas serve para as outras ocasiões que muito a propósito esqueci. Com H. D. S. Greenway, à data no *Washington Post*, propunha-me apanhar um comboio de Nakhomphenom, no Nordeste da Tailândia, para regressar a Banguecoque. Vínhamos do Laos e tínhamos andado uma semana a passar das boas. Partilháramos alguns encontros valiosos mas enervantes na área da subversão, nomeadamente com um coronel das Forças Especiais formado na América que o leitor encontrará nos capítulos finais do livro e que era portador de mais armamento do que eu alguma vez tinha visto ou viria a ver. Ao aproximarmos da bilheteira, Greenway perguntou-me fatigadamente se a minha procura de material nos exigia que viajássemos na parte mais pobre do comboio. Eu hesitava ainda quando ele se saiu com a solução: «Fazemos assim. Vamos em primeira e deixamos o Smiley a suar na terceira.» E assim fizemos, chegando a Banguecoque em suficiente forma para comemorarmos a publicação de *A Toupeira*.

Por que outra razão havia eu de pegar neste livro daqui a dez anos? A resposta é como um sorriso triste na minha lembrança. Pelo Camboja desaparecido. Pela desaparecida Phnom Penh, o último dos portos de Joseph Conrad a ir para o diabo. Pelo cheiro do óleo de cozinhar e de flores noturnas e pelo clamor das rãs enquanto comíamos as nossas refeições franco-*khmer*, ridiculamente esplêndidas, a uns quilómetros apenas dos predatórios exércitos que estavam prestes a arrasar a cidade. Pelo insinuante murmúrio das raparigas da rua encarrapitadas nas traseiras das suas bicicletas, ao passarem por nós matraqueando na quente escuridão. Pela lembrança, em suma, dos derradeiros dias do colonialismo francês, antes de a vingança do terrível Pol Pot e de os seus Khmer Vermelhos terem arrasado tudo para o bem ou para o mal.

No que toca a Hong Kong – também tudo isso será história? Quando escrevo estas linhas, o ministro do Negócios Estrangeiros de Mrs. Thatcher encontra-se na colónia, a explicar galhardamente por que razão a Grã-Bretanha nada pode fazer por um povo do qual se andou cento e cinquenta anos a alimentar. Ao que parece, só a traição é intemporal.

Parte I



DANDO CORDA AO RELÓGIO



COMO O CIRCUS DEIXOU A CIDADE

Mais tarde, nos poeirentos recantos onde os funcionários secretos de Londres se encontram para beber, discutia-se acerca de onde deveria realmente principiar a história do caso Golfinho. Uma porção de gente, chefiada por um sujeito rechonchudo encarregado das transcrições ao microfone, chegou mesmo a dizer que a data apropriada era uns sessenta anos atrás, quando «aquele relesíssimo Bill Haydon» veio ao mundo sob uma estrela traiçoeira. Bastava o nome de Haydon para que um arrepio lhes percorresse o corpo. De facto, era esse mesmo Haydon que, ainda em Oxford, fora recrutado por Karla, o russo, como «toupeira» ou «dormente» – ou, em linguagem corrente, como agente de penetração – a fim de trabalhar contra eles. E que, sob a orientação de Karla, entrara nas suas fileiras e os espiara durante trinta ou mais anos. E cuja descoberta final – era esta a linha de raciocínio – deixara os britânicos tão de rastos que tinham sido obrigados a uma dependência fatal dos serviços congêneres americanos, aos quais chamavam, no seu estranho jargão, «os Primos». Os Primos mudaram o jogo por completo, dizia o sujeito rechonchudo, como quem deplorasse a tática de atingir o corpo do adversário no ténis ou no críquete. E ainda por cima deram cabo dele, diziam os seus discípulos.

Para espíritos menos rebuscados, a verdadeira génese era o desmascaramento de Haydon por George Smiley e a consequente nomeação de Smiley como chefe interino do serviço traído, que

ocorreu em finais de novembro de 1973. A partir do momento em que George se começou a interessar por Karla, dizia-se, nunca mais houve maneira de o deter; o resto era inevitável. Pobre George! Mas que cabeça, ajoujado sob todo aquele peso!

Um sujeito estudioso, um investigador qualquer – na gíria, um «vasculhador» – obstinava-se até, já com os copos, em 26 de janeiro de 1841 como a data genuína, quando um certo comandante Elliot, da marinha britânica, desembarcara à frente de uma força num rochedo coberto de nevoeiro chamado Hong Kong, na foz do rio das Pérolas, e uns dias mais tarde o proclamara colónia britânica. Com a chegada de Elliot, dizia o estudioso, Hong Kong passara a ser a sede do tráfico britânico de ópio para a China e conseqüentemente um dos pilares da economia imperial. Se os britânicos não tivessem inventado o comércio do ópio – dizia ele, não totalmente a sério –, não se teria posto a questão, não haveria maquinação nem dividendos e por conseguinte não se teria verificado a ressurreição do Circus a seguir às traiçoeiras depredações de Bill Haydon.

Em contrapartida, os rijos – os operacionais com os pés bem firmados na terra, os instrutores, os controladores de agentes que tinham sempre as suas reuniõezinhas sussurradas – encaravam a questão em meros termos operacionais. Apontavam para as hábeis técnicas de Smiley com vista à localização do pagador de Karla em Vienciana, para a maneira como Smiley lidara com os pais da rapariga e para o seu mercadejar com os relutantes barões de Whitehall, que detinham os cordões da bolsa operacional e concediam direitos e autorizações no mundo secreto. Acima de tudo, para o maravilhoso momento em que ele fizera a operação girar em torno do seu próprio eixo. Para estes profissionais, o caso era um triunfo da técnica. Nada mais. Viam o casamento forçado com os Primos como mais uma hábil técnica num longo e delicado jogo de póquer. Quanto ao resultado final, que o levasse o diabo. O rei morreu, portanto viva o que se segue.

O debate prossegue sempre que velhos camaradas se encontram, embora o nome de Jerry Westerby, compreensivelmente, raras vezes seja referido. Ocasionalmente, é certo, há alguém que, por

imprudência ou sentimentalismo ou puro esquecimento, o desenterra, e cria-se por momentos um certo clima, mas logo passa. Ainda noutra dia um jovem estagiário acabado de sair da renovada escola de formação do Circus situada em Sarratt – mais uma vez, na gíria, «o Criadouro» – o largou no bar dos menores de trinta, por exemplo. Tinha sido recentemente introduzida em Sarratt uma versão mitigada do caso Golfinho como tema de discussão em grupo – até para pequenas peças – e o pobre moço, ainda muito verde, mal cabia em si de entusiasmo ao descobrir que estava no segredo dos deuses.

– Mas valha-me *Deus* – protestou, fazendo uso do género de liberdade dos tolos que por vezes é concedida aos guardas-marinhas na câmara de oficiais –, valha-me *Deus*, porque é que ninguém parece reconhecer o papel do Westerby no caso? Se houve *alguém* a levar com tudo em cima, foi o Jerry Westerby. Foi ele que se pôs à frente. Foi ou não foi? Para sermos francos? – Só que, evidentemente, não pronunciou o nome «Westerby», nem sequer «Jerry», nomeadamente porque não os conhecia, empregando antes o criptónimo atribuído a Jerry durante todo o caso.

Peter Guillam apanhou esta bola solta. Guillam é alto, robusto e bem-parecido e os jovens estagiários a aguardar a primeira colocação tendem a venerá-lo como uma espécie de deus grego.

– O Westerby foi o pau que atçou a fogueira – declarou secamente, quebrando o silêncio. – Qualquer operacional teria feito o mesmo, e alguns bem melhor.

Como o rapaz continuasse a não entender a alusão, Guillam pôs-se de pé, foi até junto dele e, muito pálido, disse-lhe bruscamente ao ouvido que devia ir buscar outra bebida, caso tivesse embocadura para ela, e a seguir meter a viola no saco durante vários dias ou semanas. Feito isto, a conversa regressou ao tema do velho George Smiley, seguramente o último dos *verdadeiramente* grandes, e sobre o que andaria ele a fazer por esta altura, de regresso à reforma. Tinha vivido imensas vidas; no sossego tinha imensas coisas para recordar, era a opinião unânime.

– O George dava cinco voltas à lua por cada volta nossa – declarou alguém lealmente, uma mulher.

Dez, concordaram. Vinte! *Cinquenta!* Com a hipérbole, a sombra de Westerby desvaneceu-se misericordiosamente. Tal como, num certo sentido, a de George Smiley. Bem, George teve uma carreira maravilhosa, diriam. Com *a sua* idade, o que seria de esperar?

Talvez um ponto de partida mais realista seja um certo sábado de tufão em meados de 1974, às três da tarde, hora a que Hong Kong aguardava, reforçada com travessas, o próximo assalto. No bar do Clube dos Correspondentes Estrangeiros, uma vintena de jornalistas, principalmente de ex-colónias britânicas – australianos, canadianos e americanos – divertiam-se e bebiam num clima de intensa ociosidade, um coro sem herói. Treze andares abaixo deles, os velhos elétricos e autocarros de dois andares estavam cobertos da crosta de suor cor de lama formado pelo pó dos edifícios e pela fuligem das chaminés de Kowloon. Os pequenos lagos à entrada dos altos hotéis eram salpicados por uma lenta chuva subversiva. Nos sanitários dos homens, que tinham a melhor vista do clube sobre a baía, o jovem Luke, o californiano, mergulhava o rosto no lavatório, para lavar o sangue da boca.

Luke era um voluntarioso e desengonçado jogador de ténis, um velho de trinta e sete anos que, até à retirada americana, fora a estrela da coudelaria de correspondentes de guerra da sua revista em Saigão. Quando a pessoa sabia que ele jogava ténis, era-lhe difícil imaginá-lo a fazer outra coisa, nem que fosse a beber. Visualizava-o na rede, a esticar-se e a desferir pancadas irresistíveis até mais não poder ser, ou a fazer ases entre duplas faltas. A sua mente, enquanto chupava e cuspiu, estava fragmentada pela bebida e por uma ligeira contusão – Luke empregaria porventura a palavra «estilhaçada» – em diversas porções lúcidas. Uma parte estava ocupada por uma empregada de bar de Wanchai chamada Ella, pela qual ele tinha esmurrado o queixo do estupor do polícia e sofrido as inevitáveis consequências. Com a mínima força necessária, o superintendente Rockhurst, mais conhecido por «o Rocker», que estava neste preciso momento a descontraí-lo a um canto do bar na sequência dos seus esforços, tinha derrubado Luke

e pregara-lhe um valente pontapé nas costelas. Outra parte da mente de Luke estava ocupada com uma coisa que o seu senhorio chinês lhe dissera nessa manhã quando o procurara para se queixar do barulho que o gramofone de Luke fazia e ficara para tomar uma cerveja.

Um furo qualquer, decididamente. Mas que género de furo?

Tornou a vomitar, após o que espreitou pela janela. Os juncos estavam amarrados por detrás das barreiras e o Star Ferry tinha interrompido o serviço. Havia uma veterana fragata britânica fundeada e constava no clube que Whitehall a tinha à venda.

– Deve estar a fazer-se ao mar – murmurou ele confusamente, recordando algum naco de saber naval que apanhara nas suas viagens. – Quando há tufões, as fragatas fazem-se ao mar. Olaré.

Os montes eram de ardósia por baixo das camadas de negros rolos de nuvens. Seis meses atrás, a visão tê-lo-ia feito arrulhar de prazer. A baía, o ruído, até as barracas arranha-céus que trepavam da orla do mar até ao Pico: depois de Saigão, Luke tinha adotado vorazmente todo aquele cenário. Mas tudo quanto hoje via era um rico e presunçoso rochedo britânico gerido por uma mão-cheia de comerciantes de pescoço avermelhado cujos horizontes não iam além da orla da barriga. A colónia tornara-se, assim, para ele aquilo que era já para o resto dos jornalistas: um campo de aviação, um telefone, uma lavandaria e uma cama. Ocasionalmente – mas nunca por muito tempo – uma mulher. Um lugar onde até essa experiência tinha de ser importada. Quanto às guerras que tão longamente haviam sido o seu vício, estavam tão distantes de Hong Kong como de Londres ou Nova Iorque. Só a Bolsa de Valores dava algumas mostras de senso e, assim como assim, aos sábados estava fechada.

– Achas que vais sobreviver, amigalhaço? – perguntou o desgredado *cowboy* canadiano, dirigindo-se à divisória ao lado. Tinham compartilhado um e outro os prazeres da ofensiva de Tet.

– Obrigado, meu caro, sinto-me perfeitamente em forma – retorquiu Luke, com o seu mais decantado sotaque inglês.

Luke achou que era realmente importante para ele lembrar-se do que dissera Jack Chiu enquanto tomavam uma cerveja nessa manhã e de repente, como uma dádiva dos céus, recordou-se.

– Já me lembro! – exclamou. – Meu Deus, *cowboy*, já me lembro! Lembraste-te, Luke! O meu cérebro! Funciona! Eh, rapaziada, escutem aqui o Luke.

– Não penses mais nisso – aconselhou o *cowboy*. – Hoje aquilo ali fora é terreno estéril, amigalhaço. Seja o que for, não penses mais nisso.

Mas Luke abriu a porta a pontapé e entrou de rompante no bar, com os braços abertos de par em par.

– Eh! Eh! *Rapaziada!*

Nem uma cabeça se virou. Luke pôs as mãos em concha diante da boca.

– Escutem, seus bêbedos vadios, tenho *novidades*. Isto é fantástico. Duas garrafas de *scotch* por dia e o cérebro aguçado como uma navalha. Alguém que me dê uma campainha.

Não encontrando tal coisa, agarrou numa caneca de estanho e bateu com ela na balaustrada do bar, entornando a cerveja. Mesmo nessa altura, só o anão lhe prestou um tudo-nada de atenção.

– Então o que é que se passou, Lukie? – esganiçou-se o anão, com a sua arrastada pronúncia maricas de Greenwich Village. – O Grande Mu está outra vez com soluços? Não aguento.

Grande Mu era o calão do clube para designar o governador e o anão era o chefe dos escritórios de Luke. Era uma criatura cheia de refegos e mal-humorada, com um cabelo desordenado que lhe escorria em madeixas pretas pela cara abaixo e que tinha o condão de aparecer repentina e silenciosamente ao pé da pessoa. Um ano atrás, dois franceses, que de resto raramente ali apareciam, por pouco não o tinham matado por causa de uma observação fortuita que ele fizera sobre a origem dos problemas no Vietname. Meteram-no no elevador, fraturaram-lhe o maxilar e várias costelas e a seguir deixaram-no cair como um fardo no piso térreo e regressaram para terminar as suas bebidas. Passado pouco tempo os australianos ministraram-lhe um tratamento semelhante quando ele fez uma descabelada observação sobre a sua simbólica participação militar na guerra. Deu a entender que Camberra tinha feito um acordo com o presidente Johnson para manter os rapazes australianos em Vung

Tau, que era uma brincadeira de crianças, enquanto os americanos combatiam a valer noutros sítios. Ao contrário dos franceses, os australianos nem sequer se deram ao trabalho de usar o elevador. Deram simplesmente uma valente tarefa ao anão no sítio onde ele estava e, com ele já por terra, reforçaram a dose. Depois disso passou a saber quando manter-se afastado de certas pessoas em Hong Kong. Em alturas de nevoeiro persistente, por exemplo. Ou quando a água estava reduzida a quatro horas por dia. Ou num sábado de tufão.

Fora disso, o clube estava bastante vazio. Por razões de prestígio, aliás, os correspondentes mais importantes evitavam o lugar. Alguns homens de negócios, que vinham pelo sainete que os jornalistas dão. Um par de turistas de falso camuflado. E, no seu canto costumeiro, o pavoroso Rocker, o superintendente da Polícia, ex-Palestina, ex-Quénia, ex-Malásia, ex-Fiji, um implacável veterano, com uma cerveja, os nós dos dedos levemente avermelhados e um exemplar do fim de semana do *South China Morning Post*. O Rocker, diziam as pessoas, vinha pela classe.

Na grande mesa do centro, que aos dias de semana estava reservada para a United Press International, estava instalado o Clube de Bólingue dos Jovens Conservadores Batistas de Xangai, presidido pelo sarapintado velho Craw, o australiano, entregue ao seu habitual torneio de sábado. O objetivo da competição era atirar um guarda-napo enrolado para o outro extremo da sala e acertar na garrafeira. De todas as vezes que se acertava no alvo, os adversários compravam a garrafa e ajudavam o vencedor a bebê-la. O velho Craw rosnava as ordens de fogo e um velho criado xangaiense, o preferido de Craw, guarnecia fatigadamente os alvos e entregava os prémios. Naquele dia o jogo carecia de animação e alguns elementos não se davam ao trabalho de atirar. Não obstante, foi esse o grupo que Luke escolheu para seu auditório.

– É a *mulher* do Grande Mu que está com soluços! – insistia o anão. – É o *cavalo* da mulher do Grande Mu que está com soluços! É o *moço de estrebaria* do cavalo da mulher do Grande Mu que está com soluços! É a *mãe* do moço de estrebaria do cavalo da mulher do Grande Mu...

Avançando a passos largos até à mesa, Luke saltou para cima dela com estrondo, partindo vários copos e batendo com a cabeça no teto pelo caminho. Ali enquadrado pela janela sul, meio acorçado, era para toda a gente uma visão desproporcionada: a névoa escura, a sombra escura do Pico atrás desta, e aquele gigante a preencher todo o primeiro plano. Todavia continuaram a atirar e a beber como se não o tivessem visto. Apenas o Rocker relanceou a vista na direção de Luke, uma vez, antes de lamber um enorme polegar e virar a página da banda desenhada.

– Terceiro assalto – ordenou Craw, com o seu vincado sotaque australiano. – Irmão Canadá, prepare-se para disparar. *Espere*, seu tonto. Fogo.

Um guardanapo enrolado voou em direção à garrafeira, descrevendo uma trajetória alta. Ao encontrar um vão, ficou suspenso um momento, para logo cair ao chão. Incitado pelo anão, Luke começou a dar patadas na mesa e caíram mais copos. Finalmente conseguiu dominar a sua assistência.

– Excelências Reverendíssimas – disse o velho Craw, com um suspiro. – Solicito-vos silêncio para ouvirem o meu filho. Quer-me parecer que ele pretende parlamentar connosco. Irmão Luke, cometestes hoje diversos atos de guerra e mais um que seja incorrerá no nosso severo desagrado. Falai clara e concisamente sem omitir pormenor algum, por insignificante que seja, e a seguir remetei-vos ao silêncio, senhor.

Na incansável busca de lendas acerca uns dos outros, o velho Craw era o Antigo Mareante deles. Craw tinha sacudido mais areia dos calções, diziam entre si, do que a maioria deles viria a pisar; e tinham razão. Em Xangai, onde iniciara a sua carreira, tinha sido moço do chá e redator de serviço noturno do único periódico de língua inglesa do porto. Desde essa altura, cobrira os comunistas contra Chiang Kai-shek, Chiang contra os japoneses e os americanos contra quase toda a gente. Craw dava-lhes uma noção de História naquele local sem raízes. A sua maneira de falar, que em alturas de tufão até os mais destemidos podiam desculpavelmente achar fastidioso, era um genuíno resquício dos anos trinta, quando a Austrália fornecia

o grosso dos jornalistas do Oriente e o Vaticano, vá lá saber-se porquê, a gíria da respetiva confraria.

Foi assim que Luke, graças ao velho Craw, finalmente desembuchou.

– Meus senhores! Anão, meu polaco dos diabos, larga-me o pé! Meus senhores. – Interrompeu-se para limpar a boca com um lenço. – A casa conhecida como High Haven está à venda e Sua Excelência Reverendíssima Tufty Thesinger bateu a asa.

Nada aconteceu, mas verdade seja que ele não esperava grande coisa. Os jornalistas não são dados a exclamações de espanto nem sequer de incredulidade.

– High Haven – repetiu sonoramente Luke – está disponível. O Sr. Jake Chiu, o conhecido e popular empresário do ramo imobiliário, que vos é mais familiar como o meu colérico senhorio pessoal, foi encarregado pelo majestático governo de Sua Majestade de *desfazer-se* de High Haven. Isto é, passá-la a patacos. Larga-me, polaco dum raio, que te mato!

O anão tinha-o feito cair. Só um salto ágil e rodopiante o salvou de se magoar. No chão, Luke atirou mais uns insultos ao seu atacante. Entretanto, a volumosa cabeça de Craw virara-se para Luke e os seus olhos húmidos cravaram-se nele num sinistro olhar fixo que se diria nunca mais acabar. Luke começou a perguntar aos seus botões contra qual das muitas leis de Craw teria pecado. Por baixo dos seus vários disfarces, Craw era uma figura complexa e solitária, como todos à volta da mesa sabiam. Sob a intencional aspereza dos seus modos acobertava-se um amor pelo Oriente que parecia por vezes amarrá-lo com mais força do que ele podia suportar, de tal forma que havia meses em que desaparecia completamente de vista e, como um elefante amuado, enfiava pelos seus caminhos privados até estar novamente em condições de convívio.

– Não gagueje, Excelência Reverendíssima, se faz favor – disse Craw por fim, e deitou imperiosamente a grande cabeça para trás. – Abstenha-se de cuspir palavreado de baixo nível em água altamente salubre, faça favor, cavalheiro. High Haven é uma casa da secreta. Há anos que é uma casa da secreta. Covil do major Tufty Thesinger,

de olho de lince, ex-oficial dos Fuzileiros de Sua Majestade, atualmente o Lestrade da Yard de Hong Kong. Tufty não bateria a asa. É um agente, não é nenhum pateta alegre. Dê um copo aqui ao meu filho, Monsenhor – dirigindo-se agora ao empregado do bar xangaiense –, que ele está a delirar.

Craw emitiu outra ordem de fogo e o clube retomou as suas atividades intelectuais. A verdade é que estes grandes furos de espionagem de Luke não eram grande novidade. Ele possuía uma velha reputação de observador de pessoal da secreta falhado e as suas pistas revelavam-se invariavelmente erróneas. Desde o Vietname, o estúpido do rapaz via espões debaixo de todas as carpetes. Estava convencido de que o mundo era governado por eles e passava grande parte dos seus tempos livres, quando estava sóbrio, a rondar os inúmeros batalhões de mal disfarçados observadores de assuntos chineses existentes na colónia, e pior, que infestavam o enorme Consulado americano ao cimo da colina. Por conseguinte, se o dia não tivesse sido tão morto, a questão ficaria provavelmente por ali. Assim, o anão viu uma aberta para divertir e agarrou-a.

– Diz-nos lá, Lukie – alvitrou, com uma dúbia rotação das mãos para cima –, estão a vender High Haven com o *recheio* ou *tal como está*?

A pergunta valeu-lhe uma série de aplausos. High Haven valeria mais com os seus segredos ou sem eles?

– Está à venda com o *major Thesinger*? – ajuntou o fotógrafo sul-africano, no seu sensaborão tom monocórdico, e houve ainda mais risadas, embora não fossem mais afetuosas. O fotógrafo era uma figura perturbante, de cabelo rapado à escovinha e subnutrido, e a sua pele era esburacada como os campos de batalha que adorava frequentar. Vinha da Cidade do Cabo, mas chamavam-lhe Desejo de Morte, o Boche. Dizia-se que ele os enterraria a todos, porque se aproximava furtivamente deles como um mudo.

Nessa altura, durante vários minutos de distração, o tema de Luke perdeu-se por completo sob uma enchente de histórias do major Thesinger e imitações do major Thesinger, nas quais todos menos Craw tomaram parte. Recordou-se que o major tinha aparecido inicialmente na colónia como importador, sob um fátuo disfarce

lá para as docas, para passados apenas seis meses ser transferido, muito improvavelmente, para os quadros do serviço e, juntamente com a sua equipa de pálidos funcionários e maviosas e bem-educadas secretárias, se pôr a andar para a dita casa da secreta como substituto de alguém.

Em particular, descreviam-se os almoços *tête-à-tête* do major, para os quais, sabia-se agora, praticamente todos os jornalistas da assistência tinham numa ou noutra ocasião sido convidados. E que terminavam com laboriosas propostas na altura da aguardente, incluindo frases tão maravilhosas como: «Ora escute cá, meu velho, se alguma vez se cruzar com um chinoca interessante do lado de lá do rio, está a ver (um que seja bem informado, entende?), veja lá se se lembra de High Haven!» A seguir o número de telefone mágico: o tal que «vai diretamente à minha secretária, sem passar por intermediários nem gravadores nem coisa nenhuma, certo?» – que uma boa meia dúzia deles parecia ter nas respetivas agendas: «Pegue lá, anote este no punho da camisa; finja que é um encontro ou uma namorada, ou coisa assim. Preparado? Lado de Hong Kong cinco zero dois quatro...»

Depois de recitarem os dígitos em unísono, calaram-se. Algures um relógio bateu as três e meia. Luke pôs-se vagarosamente de pé e sacudi o pó dos *jeans*. O velho empregado xangaiense abandonou o seu posto junto às garrafeiras e foi buscar a ementa, na esperança de que alguém quisesse comer. Por um momento, a incerteza dominou-os. O dia estava perdido. Estava-o desde o primeiro gim.

Ao fundo, ouviu-se um grunhido grave quando o Rocker mandou vir um lauto almoço:

– E traz-me uma cerveja fresca, *fresca*, ouviste bem, rapaz? *Flesqui flesqui. Chop-chop.* – O superintendente tinha jeito para lidar com os nativos e dizia sempre isto. O silêncio voltou.

– Ora aí tens, Lukie – exclamou o anão, afastando-se. – Acho que é assim que ganhas o teu Pulitzer. Parabéns, querido. Foi o furo do ano.

– Ah, vão-se fornicar, todos vocês – disse descuidadamente Luke, começando a encaminhar-se para o bar onde estavam sentadas duas pálidas raparigas louras, filhas do exército em busca de caça. – O Jake

Chiu mostrou-me o raio da carta de instruções, não mostrou? Do raio do Serviço de Sua Majestade, ou não? Com o raio do escudo por cima, o leão a galar uma cabra. Olá, queridas, lembram-se de mim? Sou aquele senhor simpático que vos ofereceu os chupa-chupas na feira.

– O Thesinger não atende – cantarolou funebremente Desejo de Morte, o Boche, do telefone. – Ninguém atende. Nem o Thesinger nem o homem de serviço. Desligaram a linha.

No meio do entusiasmo, ou da monotonia, ninguém se apercebera de que Desejo de Morte se tinha escapulado.

Até então, o velho Craw, o australiano, mantivera-se inanimado como um dodó. Nessa altura ergueu bruscamente a vista.

– Volta a ligar, palerma – ordenou, rude como um sargento instrutor.

Com um encolher de ombros, Desejo de Morte marcou pela segunda vez o número de Thesinger e houve um par de outros que foram assistir à ligação. Craw manteve-se imóvel, observando do seu lugar. Havia dois aparelhos. Desejo de Morte experimentou o segundo, mas sem melhores resultados.

– Liguem para o telefonista – ordenou-lhes Craw do fundo da sala. – Não fiquem aí especados como uma *banshee*¹ grávida. Liga para o telefonista, meu macaco africano!

O número que marcou está desligado, informou o telefonista.

– Desde quando, homem? – inquiriu Desejo de Morte.

Não temos essa informação, disse o telefonista.

– Então talvez tenham um novo número, não, homem? – berrou Desejo de Morte, ainda para o desditoso telefonista. Nunca ninguém o vira tão empenhado. A vida, para Desejo de Morte, era o que acontecia no extremo de um visor: semelhante paixão só podia atribuir-se ao tufão.

Não temos essa informação, tornou o telefonista.

¹ Espírito feminino do folclore gaélico que com os seus lamentos anuncia uma morte iminente na família. (N. do T.)

– Liga para o Garganta Rasa – ordenou Craw, agora absolutamente furioso. – Liga para o raio de todos os mangas de alpaca da colônia!

Desejo de Morte abanou dubitativamente a comprida cabeça. Garganta Rasa era o porta-voz oficial do governo, objeto de ódio de todos eles. Parecia mal abordá-lo para o que quer que fosse.

– Olhem, passem-mo cá – disse Craw e, pondo-se de pé, arredou-os a fim de chegar ao telefone e dedicar-se ao lúgubre cortejar de Garganta Rasa. – É o seu dedicado Craw, caro senhor, às suas ordens. Como está Vossa Eminência de disposição e saúde? Encantado, caro senhor, encantado. E como vão a esposa e a criançada, caro senhor? Passam todos bem, espero eu. Nada de escorbuto nem tifo? Ótimo. Ora bem, talvez o senhor tenha a bondade de me informar por que diabo o Tufty Thesinger bateu a asa.

Os outros observaram-no, mas a cara dele mantinha-se imóvel como uma rocha e não havia mais nada que nela se pudesse ler.

– Igualmente para si, caro senhor! – resfolegou por fim, poisando o auscultador com tanta força no descanso que toda a mesa estremeceu. Depois virou-se para o velho criado xangaiense.

– Monsenhor Goh, mande-me vir um burro a gasolina, faça o obséquio! Excelências Reverendíssimas, toca a levantar os rabos do assento!

– Para quê, com os diabos? – perguntou o anão, na esperança de ser abrangido pela ordem.

– Para um artigo, meu cardealzinho ranhoso, para um artigo, suas lúbricas e alcoólicas Eminências. Para a riqueza, para a fama, para as mulheres e para a longevidade!

A sua má catadura era indecifrável para qualquer deles.

– Mas que foi que o Garganta Rasa disse que fosse assim tão mau? – perguntou o desgrenhado *cowboy* canadiano.

O anão fez coro com ele.

– Sim, que foi que ele disse, irmão Craw?

– Disse: «Sem comentários» – respondeu Craw com requintada dignidade, como se as palavras fossem o mais torpe labéu sobre a sua honra profissional.

Assim, subiram até ao Pico, deixando apenas em paz a maioria silenciosa de bebedores: saíram o irrequieto Desejo de Morte, o Boche, o comprido Luke, a seguir o desgrenhado *cowboy* canadiano, dando muito nas vistas com o seu bigode de revolucionário mexicano, o anão, alapando-se como sempre, e finalmente o velho Craw e as duas raparigas do exército – uma sessão plenária do Clube de Bólingue dos Jovens Conservadores Batistas de Xangai, portanto, com senhoras por acréscimo, embora o clube tivesse voto de celibato. Espantosamente, o jovial taxista cantonês levou-os a todos, uma vitória da exuberância sobre a física. Consentiu até em passar três recibos pelo preço total da corrida, um por cada jornal representado, coisa que não havia conhecimento de nenhum taxista de Hong Kong ter feito ou vir a fazer. Era um dia de quebrar todos os precedentes. O velho Craw instalou-se à frente, com o seu famoso chapéu mole de palha com as cores de Eton na fita, que lhe fora deixado em testamento por um velho camarada. O anão ia entalado em cima da alavanca de velocidades e os outros homens seguiam atrás, com as duas raparigas ao colo de Luke, o que lhe dificultava a manobra de limpar o sangue da boca.

O Rocker não achava por bem acompanhá-los. Tinha enfiado o guardanapo no colarinho, a preparar-se para o cordeiro assado com molho de menta e uma porção de batatas:

– E outra cerveja! Mas desta vez *fresca*, ouviste, rapaz? *Flesqui flesqui*, e traz-ma *chop-chop*.

Quando o terreno ficou livre, porém, o Rocker serviu-se também do telefone e dirigiu-se a Alguém com Autoridade, por pura precaução, embora tivessem todos sido unânimes em concluir que não havia nada a fazer.

O táxi era um Mercedes vermelho, bastante novo, mas não há nada para dar cabo de um carro mais depressa do que o Pico, constantemente trepado a passo de caracol e com o ar condicionado de goelas abertas. O tempo continuava horroroso. À medida que o carro soluçava lentamente pelos penhascos cimentados acima, viram-se

engolidos por um nevoeiro suficientemente espesso para sufocar. Quando se apearam, foi ainda pior. Espalhará-se à volta do cume uma quente e inamovível cortina que tresandava a gasolina e estava atafalhada com a barulheira do vale. A humidade pairava no ar em quentes e finos aglomerados de gotículas. Num dia límpido teriam vista para ambos os lados, uma das mais encantadoras da terra: da parte norte para Kowloon e para as montanhas azuis dos Novos Territórios, que ocultavam os oitocentos milhões de chineses privados do privilégio do domínio britânico; a sul, para as baías de Repulse e Deep Water e o amplo mar da China. No fim de contas, High Haven fora construída pela marinha britânica nos anos vinte e com toda a grandiosa inocência daquele ramo, para recolher e transmitir a sensação de poder.

Nessa tarde, porém, se a casa não estivesse situada entre as árvores, e numa baixa do terreno onde as árvores se elevavam muito, esforçando-se por chegar ao céu, e se as árvores não arredassem o nevoeiro, não teriam nada para onde olhar a não ser as duas colunas de cimento – uma com botões de campainha que tinham escrito «DIA» e «NOITE» – e os portões fechados com correntes que elas suportavam. Graças às árvores, todavia, viam distintamente a casa, embora ela estivesse cinquenta metros recuada. Podiam distinguir os tubos de descarga, as saídas de emergência e os estendais e podiam admirar a cúpula verde que o exército japonês tinha acrescentado durante os seus quatro anos de ocupação.

Encaminhando-se pressurosamente para a fachada, no seu desejo de ser aceite, o anão premiu a campainha com a inscrição «DIA». Havia um intercomunicador embutido na coluna e todos ficaram a olhar para ele, aguardando que dissesse alguma coisa ou, como pretendia Luke, expelisse fumo de marijuana. Na berma da estrada, o taxista cantonês tinha posto o rádio em altos berros, a emitir uma plangente canção de amor chinesa que nunca mais parava. A segunda coluna estava vazia, à exceção de uma placa de latão a anunciar Estado-Maior de Ligação Inter-Armaz, o esfarrapado disfarce de Thesinger. Desejo de Morte, o Boche, tinha sacado de uma máquina e fotografava tão metodicamente como se estivesse num dos seus campos de batalha natais.

– Talvez não trabalhem ao sábado – alvitrou Luke enquanto continuavam à espera, ao que Craw lhe ripostou que se deixasse de parvoíces: os espões trabalhavam sete dias por semana e vinte e quatro horas por dia, disse. Além disso nunca comiam, excetuando Tufty.

– Ora então muito *boa* tarde – disse o anão.

Premindo o botão de campainha da noite, aproximara os retorcidos lábios vermelhos das aberturas do intercomunicador e assumira um sotaque de inglês de classe alta, coisa que, honra lhe seja feita, conseguia surpreendentemente bem.

– O meu nome é Michael Hanbury-Steadly-Heamoor e sou o fanchono pessoal do Grande Mu. Gostaria, por favor, de falar com o major Thesinger sobre um assunto urgente, por favor. Há uma nuvem em forma de cogumelo em que o major não terá porventura reparado: parece estar a formar-se sobre o rio das Pérolas e a prejudicar o golfe do Grande Mu. Muito agradecido. Não me faz a fineza de abrir o portão?

Uma das raparigas louras soltou uma risadinha.

– Não sabia que ele era *Steadly*-Heamoor – observou.

Abandonando Luke, tinham-se pendurado no braço do desgrenhado canadiano e estavam constantemente a segredar-lhe ao ouvido.

– É o Rasputine – disse uma das raparigas em tom admirativo, afagando-lhe a parte de trás da coxa. – Eu vi o filme. É ele por uma pena, não és, Canadá?

Nessa altura todos beberam um gole da garrafa de Luke enquanto se reagrupavam e se interrogavam sobre o que fazer. Da direção do táxi estacionado, a canção de amor chinesa do condutor continuava intrepidamente, mas os altifalantes das colunas mantinham-se mudos. O anão premiu ambos os botões ao mesmo tempo e experimentou uma ameaça à Al Capone.

– Oiça lá, Thesinger, nós sabemos que está aí. Saia com as mãos no ar, sem ser embuçado, e atire a artilharia para o chão... *Eh lá, tem cuidado, parvalhão!*

A imprecação não era dirigida ao canadiano nem ao velho Craw – que avançava de esguelha em direção às árvores, aparentemente